

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SEculo

Propriedade de J. DA SILVA ORAÇA, Limit.º

Director: ACACIO DE PAIVA



EDITOR: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃO

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — RUA DO SEculo, 43 — LISBOA

SUBMARINOS INDIGESTOS



WILSON:—Tens de os engulir, meu caro Guilherme!

PALESTRA AMENA

Boatos

Deixemos a guerra e a política por hoje, valeu? Se estão de acordo, como é de esperar, vamos ao assunto que serve de título a esta palestra e que de modo algum se relaciona com a guerra e a política, posto que o não pareça.

Não sabemos se já repararam que o ano correu muito mal para os toureiros hespanhoes; as colhidas foram numerosas nas praças do paiz visinho e, se não houve mortes, temos, comtudo, a lamentar ferimentos de importancia. Assim, o simpatico Belmonte acha-se de cama e o seu estado é melindroso, porque ha dias foi colhido em Salamanca, segundo telegrama que lêmos no *Seculo* e n'outro jornal da manhã, por sinal em desacordo; ao passo que o telegrama do *Seculo* diz que o homem foi colhido por uma vaca, o outro diario noticia que ele foi colhido por um bezerro. Ha, pois, desharmonia quanto ao sexo e á idade do bicho.

Mas o tal diario diz mais: acrescenta, transmitida de Madrid, esta estu-penda revelação:

«Sobre a colhida, correm varios boatos.»

Que boatos serão esses, assim indicados misteriosamente? O laconismo do telegrafo sugere-nos as mais descontra-das reflexões, já ácerca do toureiro, já ácerca do bezerro ou da vaca, apresentando-se-nos as seguintes hipoteses: tentativa de suicidio da parte de Belmonte; vingança do bicho, porque o toureiro tivesse comido um bife de cornupeto que o animal houvesse em estimação, quiçá o pae ou a mãe; incompatibilidade de genios entre o colhido e o seu adversario—finalmente, idéas politicas contrarias, campo fertilissimo em conjecturas, mas que não exploraremos agora, em vista da nossa declaração no começo d'esta conversa.

Ora, pois, é necessario pôr de remissa o que do estrangeiro se telegra-fa e não se publicar senão o que se percebe e o que tenha senso comum, ao menos para se poupar espaço no papel do jornal, precioso na atual emerg-encia. Olhem os senhores diretores das folhas periodicas, que estas, bem catadinhas e limpas de todas as excre-cencias inuteis, deixavam muitas vezes logar para a publicação do que realmente podia interessar aos leitores, ou para satisfazer a censura, se ficasse em branco, o que sempre seria melhor do que aparecer preenchida com tolices.

JOSÉ NEUTRAL.

Mulher economica

D. Eufrasia entra em casa com um embrulho enorme.

O marido esbulgalha os olhos e põe-se a tremer, preven-do asneira.

—Que compraste? pergunta, palido como um cadaver.

—Uma pechincha! Luvas a dois tos-tões o par!

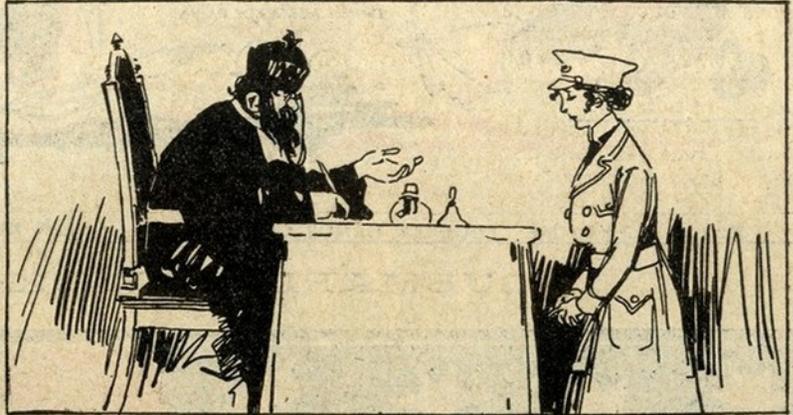
—Que baratas!

—Pois! Aproveitei a ocasião e com-prei cincoenta mil réis d'elas.

OS ELETRICOS EM ROMA

«Em Roma os carros eletricos passaram a ser guiados por mu-heres.»

(Dos jornaes).



Jutz:—Porque largou a ré o guiador, causando o descarrilamento do carro?

A condutora:—Gostava de vêr v. ex.ª no meu logar.

Jutz:—Então, que lhe aconteceu?

A condutora:—Estava com as dores do parto, sr. juiz...

Fidalguia

Uma novidade. O atual governador civil de Lisboa, o sr. Fidalgo, não dementindo o titulo, apesar dos tempos democraticos que vamos atravessando, foi pessoalmente ás redações de varios jornaes apresentar os seus cumprimentos.

Estamos tão pouco habituados a estes atos de boa educação que a estranheza não foi pequena. Quanto ao *Seculo Comico* lamentamos profundamente que, na ocasião, só estivessem no respetivo gabinete o Quim e o Manecas, que, ao que depois nos contaram, se fartaram de trocar com sua excellencia, amachucando-lhe o chapéu, fazendo-o cair de costas, escondendo-lhe a bengala, etc.

Consideramos, porém, a visita como recebida e prometemos, em paga da gentileza, não dar no illustre chefe do distrito senão as sovas que merecer. Ponto.

Casamento desigual

Notícia um jornal italiano que a princeza Maria Tereza de Roenhohe casou ha dias em Zurich com um farmaceutico, tendo começado o namoro n'um hospital onde o farmaceutico se encontra doente e onde a princeza era enfermeira.

O facto causou-nos admiração, mas não pelo motivo que os senhores supõem.

—Pois não é por ser um casamento desigual? perguntarão.

—E', sim senhores. E' desigual porque um farmaceutico gosa de condição muito superior á de uma princeza, que o é simplesmente porque assim nasceu, emquanto que o farmaceutico suou as estopinhas para obter a sua carta de curso.

Ele pode, nos boletins de recenseamento, escrever qual a sua profissão; a princeza terá de declarar que a não possui.

Hurrah pelas papas de linhaça!

Polícia sábia

Em Parahyba, no Brazil, fundou-se uma escola para ministrar conhecimentos de medicina á policia d'ali. E' uma medida que bem se poderia adotar entre nós, pelo menos nas cidades do Porto e Lisboa, para não se dar o caso desagradavel dos nossos civicos não saberem a designação anatomica dos sitios do corpo onde apanham lambada.

Sempre seria uma consolação e faziam certa figura, contando á familia quando entrassem em casa a coxear e esta lhes perguntasse a causa:

—Não é coisa de cuidado. Um simples traumatismo na região coccigea...

Os tios economicos

O sobrinho procura o tio, que é um avarento de marca, para lhe pedir dinheiro. Tem a convicção de que perde o tempo e o feito, mas por descargo de consciencia vai tentar.

—Tio, preciso cem escudos.

—Vai bater a outra porta.

—Tio, é um compromisso de honra!

—Que tenho eu com isso? Eu não o vou roubar.

—Tio, se não me acode ver-me-ei forçado a meter duas balas na cabeça.

—Patife, até n'isso és perdulario! Duas balas, quando uma mata logo um homem!

Pão nosso de cada dia



Entre marrã e bacoro:
—O' mãe! estas sementes não se podem tra-gar!

—Não tenhas má boca; olha que é d'isso que se faz hoje em Lisboa o melhor pão.

CONFERENCIAS CIENTIFICAS

(Para uso dos alunos dos liceus)

A porta

Vou falar-lhes um pouco de arquitetura, meninas e merinos, começando, como é natural, pelas portas, em vista da importância que elas têm nas casas, como hão de ter notado.

A sua utilidade prova-se imediatamente, imaginando uma casa sem portas. Por onde se havia de entrar? por onde se havia de sair? Provavelmente respondem que «pelas janelas», mas a essa espezteza respondo com esta objecção: e se o edificio tiver as janelas tão altas que se lhes não possa chegar facilmente?

Refiro-me, é claro, á porta da rua, desde já lhes digo que a não devem tratar como coisa de somenos: assim, não a devem fechar com força senão depois de haverem saído, para não fiarem entalados; se tiver campainha ou argola e ela estiver fechada quando queiram entrar em casa, não possuindo a chave do trinco, deverão dar as campainhadas ou argoladas correspondentes ao andar que habitam, e mais uma, porque têm de contar com o rezão-chão, e não se esqueçam dos respectivos repeniques, se moram do lado esquerdo.

A porta pode revestir as formas arquitetónicas mais diversas, simples ou complexas; todos sabem que existe uma variedade enorme de portas, desde a meia-porta—a mais humilde, á Sublime Porta—a mais elevada. As portas grandes mudam de sexo e são denominadas portões, com os quaes, em geral, ha tanto cuidado, que costumam ser guardados, para o qual se criou a classe dos guarda-portões.

Incidentemente dir-lhes-hei que as portas são muito estupidas (estupido como uma porta, diz-se) e que na bota quem as não salva, perde 25 por cento da parada que devia receber se a carta não viesse de porta.

Tenho dito por hoje.

Bonaparte

(Aluno do liceu Camões).

ENTRE MEDICOS



—Colega: decididamente, nas proximas eleições camarárias de Lisboa, voto na vereação actual.

—Puderal! também eu, porque pode vir outra vereação que faça d'isto uma cidade higienica!

EM FOCO



Ator Amarante

E' o Amarante um homem de talento
Conforme sabe e já lhe terão dito,
Porém nunca d'um modo tão bonito
Como eu lhe digo em verso de espavento.

Não ha papel, sereno ou violento,
(Violento não vi, mas acredito)
Que não faça perfeito, este maldito,
Em que falhe ou descaia um só momento.

E sendo sempre assim, de verdes anos,
Desde os seus tempos de instrução primaria
Imagem agora os lusitanos

O que viria a dar, que luminaria,
Se ele tem sido aluno dos Caetanos
E lá tem aprendido Indumentaria!

BELMIRO.

TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Crida Zefa

Isculpa de có agora te escrever mas nan tanho tido tempo ninhun para iço, inmanjina que dènes que xiguei a Lisboa logo touda a jente me dixee que eu devia, pra cumesar na minha mição de iscriturar jente pró noço triatro—i ochalá que este ano eu ceja mais feliz có que paçou—ir ver u *Nouvo Mundo* ó Ede, que é aquele triato numa agua furtada, in que te falei i cuma peçoã pra çaber pur onde ade intrar i sair istá cempre á précura das mãozinhas da parede.

I vai eu açim a resulvi i meti logo impanhos para u Mota Pincudo, da vilheteira. A resposta deste foi que tinha a casa vendida pra curenta noites ce cuidas i cunparessesse lá pró natal ce cria uma borla. Aranjei mais impanhos para le falar peçualmente in casa e ele ós pois, de me fazer isperar ceis oras n'uma çala touda oiro e veludo, appareu-me e dice-me:

—Eu não falo a plintras.

—Eu cá çou o Jerolmo, dice eu.

—E eu, arresponde ele, çou cu-imprezario do Ede, onde vai uma pesa que até hoje rindeu cessenta contos de réis.

—Cessenta? có?

—Cé as copelas para os otosores tem rindo pra riba de ceis contos?

—Cin a seiteza?

—U fado du çanga pra cima de um conto.

E prantouce a falar in mais contos prá qui i prá culá de modos que nan me deichou falar. Na prumeira averta, larguei-le esta:

—Pois eu çria uma jeral mas pagando u que foce.

—U que foce? vuncê tem lá dinheiro para uma coisa de eças!

—Dou dois mel réis!

—Nem dez, nem sem, nem nada!

Olhe: u Munteiro Milhões, caté faz dinheiro cem ce cintir, ce quíz uma dubradissa onte teve de impinhar u palassio do largo do Quintela!

—Intão poço desistir?

—Olhe ceu Jerolmo: vá para a bixa i espere a vez, que lá le xigará.

A cim fiz, Zefinha d'um anjo. A bixa para a bilheteira xega á istrada de Sacavem. Tumei vez, mas nan poço arredar pé de noite nem de dia, cenão percuã. Iscrevotte esta a lapas i mandua deitar pur um mosso no curreio, para nan istares em cuidado cum o tême que ce açina cum touda a ameçidade

Jerolmo

Emprezario do Paulteamã
de Peras Rulvas

PROFESSORES VIAJANTES

Ha dias uma numerosa comissão de professores primarios chegou ao portão da presidencia do ministerio, limpou-se da poeira, subiu a escada, entrou pelo salão e perguntou pelo sr. Antonio José de Almeida.

—Eu sou, lhe disse o joven, que parece um ancião, porque elas não matam mas moem.

Perguntados os comissionados sobre o que ali os levava, responderam que iam pedir a interferencia do illustre presidente do conselho para obterem *bonus* nos caminhos de ferro, prometendo sua excellencia que se empenharia pela pretenção.

Efetivamente do que mais necessitam os professores primarios é diminuição no preço dos bilhetes dos comboios, tão habituados estão a viagens recreativas.

Consta, á ultima hora, que as direcções respetivas estão dispostas a aceder, obrigando os professores a pagar como mercadorias, a peso. D'esse modo podem ser transportados por aquella tarifa baratinha, que marca dois tostões, se não estamos em erro, até dez quilos.

A mulher d'ele...

N'um baile dado recentemente, a mulher do Marques sentiu que alguém lhe tomava um braço, apertando-o mais do que as conveniencias permittem. Indignada, exclamou:

—Imbecil! Estupido!

O autor da imprudencia respondeu:

—Desculpe, minha senhora!

Voltando se, a esposa do Marques disse, confusa:

—O senhor é que me ha de desculpar. Julguei que fosse meu marido...



Manecas negociante de quadros



1.—O Manecas comprou ao Carvalhaes,
Que é um pintor dos mais originaes,
Um quadro futurista, belo e raro,
Por sessenta centavos—e foi caro.



2.—Para meter um susto ao mano Quim
Quer pendura-lo no tabique, e assim
Põe-se prega que prega, mas o bico
Não entra nem a pau, o mafarrico!



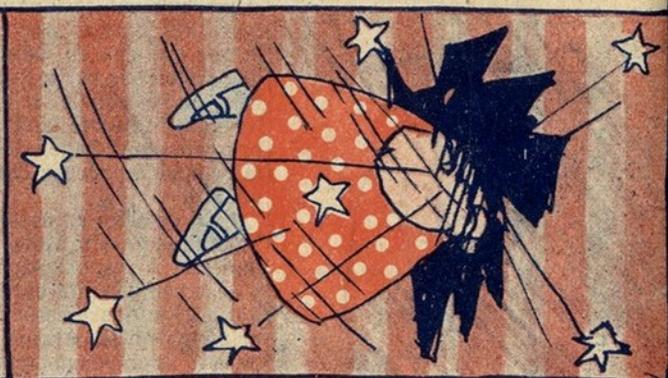
3.—E' por ser o martelo tão manetro,
Diz ele; e vae pedir ao tanoeiro
Seu visinho, o martelo que servia
Para os arcos bater á cascaria.



4.—Agora, sim! O caso é levantar
Tão grande peso! E espreme-se, a suar,
Fazendo tanto esforço que por traz
Sente-se já um certo cheiro a gaz...



5.—Até que n'um impulso violento
Consegue pôr o maço em movimento,
E ele aí vae, com força aproximada
De quatrocentos burros, menos nada!



6.—Prego, tabique, o rapazelho, o maço
Marcha tudo aos pinotes pelo espaço
De modo que o Manecas nunca mais
Os mamarrachos compra ao Carvalhaes!